

CAPA

À REFUNDAÇÃO DO BRASIL

CONTRISTADO PELA LETARGIA DO POVO,
INCLUSIVE DOS LÍDERES SINDICAIS E DOS DITOS
ESQUERDISTAS, LULA PRETENDE COMANDAR
OS TRABALHADORES EM UMA LUTA REDENTORA

por MINO CARTA

Na segunda-feira 7 de setembro, comemoração do grito do Ipiranga, o Brasil teve mais uma prova de que o ex-presidente Lula sabe portar-se como um mestre da política. Em um pontual contraponto ao discurso de Jair Bolsonaro, Lula retomou repentinamente a ribalta como ativo participante do jogo. O confronto entre as duas falas é clamorosamente desigual para o atual presidente, inclusive à luz da semântica. Em tom sereno, e nem por isso menos enérgico, Lula cuidou de avisar que ainda lhe cabe um papel decisivo na história do Brasil, 200 anos depois da proclamação da independência. Cabe-lhe, na condição de líder dos trabalhadores do Brasil, hoje mais quietos e conformados do que ele gostaria, conforme confessa ao velho amigo acima assinado.

É a constatação de que passados dois séculos o povo está resignado, incapaz de reação, o que não deixa também de ser uma

forma de autocritica. O PT no poder deixou de executar a tarefa premente de politizar o povo brasileiro. Mas há na fala do ex-presidente, no entanto, passagens a indicarem mudanças importantes nas suas crenças, a começar por aquelas manifestadas antes da eleição de 2002 na Carta aos Brasileiros. Hoje, faz referências à necessidade de um novo pacto social, mas

percebo que não se trata da enésima tentativa de conseguir o beneplácito das elites, da casa-grande. “Quem se diz de esquerda – afirma com veemência – está fechado na sua casa para proteger-se contra o coronavírus, enquanto o povo brasileiro sofre abandonado ao seu destino.” Uma entre as frases de Lula é aquela que mais me toca: Não há democracia sem a



Para que tantos livros na estante? Ele não leu e nunca lerá



presença determinante dos trabalhadores e “com eles vamos refundar o Brasil”.

O discurso de Lula terá inevitáveis repercussões mundo afora, uma cópia foi entregue, inclusive, ao papa Francisco. Ao Lula sempre esclareci não acreditar em conciliação das elites. Inúmeras vezes repeti que a solução só seria alcançada pelo derramamento de sangue nas calçadas, diante da impossibilidade de dobrar a casa-grande de outra maneira. Nestas ocasiões, Lula me encarava com bonomia, para citar um velho amigo preocupado em definir o nível atingido pela enxurrada sangrenta, a qual haveria de ficar acima dos calcanhares. Repetia jocosamente, e repete nesta nossa breve conversa telefônica, mas com outra inflexão na voz.

O confronto entre os discursos revela o abismo entre as duas personalidades. É do conhecimento até do mundo mineral que o ex-capitão Jair Bolsonaro tem lida muito difícil com a língua portuguesa, gramática e sintaxe, sem contar a carência de um curso intensivo de análise lógica. Ele aproveita a oportunidade para despertar fantasmas do passado, faz um desbragado elogio do golpe de 1964,

Em 2002, a grande oportunidade desperdiçada, como indiretamente ele admite na autocrítica tardia

sem deixar de acentuar que a democracia nunca nos faltou e que o Brasil, independente para valer, jamais cedeu diante da prepotência alienígena. Em simultaneidade quase perfeita, desmente-se: nada é mais claro que o embaixador estadunidense de então, Lincoln Gordon, funcionou com raro brilho ao transmitir a

vontade de Tio Sam, pronto o vetusto cavaleiro de cartola listrada a fornecer o apoio de sua frota aos golpistas fardados e à paisana, fina flor da casa-grande.

Em um tempo em que Washington se meava golpes de estado no seu quintal, também chamado América Latina, os generais do subcontinente, em geral, usavam enormes quepes, apertados à altura das têmporas, a produzir o mesmo efeito que o crânio encolhido à força no *dobermann* pelos criadores de uma nova raça atia-lhe notavelmente a ferocidade. Este pronunciamento, na celebração da independência, seria de péssimo gosto não fosse simplesmente ridículo. Depois do golpe de 64, vivemos a ditadura para sair dela pela decisão dos próprios ditadores e com a promessa da democracia reconquistada. A rigor, continuamos navegando nas mesmas águas poluídas pela prepotência dos donos do poder e somente o governo petista cuidou efetiva e eficazmente de garantir a independência brasileira, desvencilhando o País dos interesses dos EUA, sem contar passos importantes dados contra a desigualdade. Nem por isso a tradição do golpe aplacou-se: na primeira oportunidade,

**A JOGADA DE UM
MESTRE DA
POLÍTICA:
REAPARECER
EM CENA PARA
ESMIGALHAR
O PATÉTICO
DISCURSO
DE BOLSONARO
NO DIA DA
INDEPENDÊNCIA**

CAPA

o tema da corrupção voltou a ser cultivado pela Lava Jato e seus famigerados intérpretes determinados, por razões políticas, a desprezitar a própria lei e os princípios de um julgamento justo e imparcial. Sérgio Moro e Deltan Dallagnol, inventores de um caminho processual sem similares na história mundial, contaram com o aval de uma suprema corte de fancaria e de um Parlamento vendido aos interesses dos donos do dinheiro, da terra e das manadas. Assim foi derrubado o governo legítimo de Dilma Rousseff, enquanto Lula era aprisionado para ser condenado, finalmente, sem provas.

É a história singular de um golpe praticado pela aliança dos próprios poderes da República, para desaguar ao cabo, após mirrados dois anos, na eleição de Bolsonaro.

É do interesse da casa-grande um povo resignado, de maioria miserável. A favela aí está a provar a constância da medievalização do País, como se ainda houvesse casbres dos servos da gleba a cercar o castelo do senhor. Não é por acaso que a pandemia do coronavírus alastra-se à vontade, apesar dos esforços governistas de maquiar os dados. Não há exagero na visão de quem supõe números no mínimo dobrados em relação aos oficiais. Não é preciso um exercício de atletismo intelectual para entender a conexão entre o Brasil de hoje e aquele do grito do Ipiranga.

Para aprofundar-se na situação da época, recomenda-se, por exemplo, a leitura de Saint-Hilaire, o viajante francês que trafegou com notável curiosidade por aquele Brasil, bem como a observação atenta das gravuras de Debret, a relatar impassível a vida da casa-grande e da senzala. No fundo faltam as referências históricas para contar com precisão as circunstâncias da declaração



Convém ao ex-presidente lembrar sempre que o povo é festeiro

BOLSONARO SERVE À CASA-GRANDE, CONSCIENTE OU NÃO NA REALIZAÇÃO DO "AUTORITARISMO LÍQUIDO" À MODA DA CASA

da independência. O que é, naquele enredo, a verdade factual recomendada por Hannah Arendt? Certamente, não está representada no quadro de Pedro Américo, a oferecer o cavalo branco de Napoleão à sela de D. Pedro. Eu já me permiti contar a história daquela jornada nebulosa, ao transformá-la em entrecho plausível, antes de mais nada para substituir o nobre cavalo pelo muar plebeu.

D. Pedro galgou a Serra do Mar para atingir as alturas do Ipiranga. Não sei

quantas horas levou a subida impérvia, mas atirei-me à suposição de que o futuro imperador tivesse jantado na casa da amante, a marquesa de Santos, algum prato especialmente indigesto, talvez uma travessa de mexilhões, sobretudo se naquele mar preto-azulado de moluscos bivalves pudesse aninhar-se um bocado contaminado. No dia seguinte, a infeliz ingestão justificaria a rapidíssima deslocação do príncipe até um renque de bananeiras, a fim de livrar-se do incômodo. Diga-se que as bananeiras não somente propiciam uma sombra ventilada, mas também têm outras serventias. Não cabe excluir que, de péssimo humor, naquele instante aziago, inevitavelmente acorçado, D. Pedro tenha desenhado mentalmente os passos a seguir.

Em função das brigas familiares, precipitadas pela perspectiva da sucessão em Portugal, o príncipe não mantinha relações aprazíveis com o pai, D. João VI. O grito do Ipiranga, destarte, não teria passado de uma jaculatória interior, no máximo pronunciada entre dentes. De todo modo, não foi esta a razão pela qual o povo, composto então de 50% de escravos, não se deu conta de que D. Pedro havia declarado a independência e se tornado imperador do Brasil. Esta ignorância, diga-se, é verdade factual, assim como a relação do príncipe com a marquesa de Santos.

Licenças poéticas à parte, a minha versão é ao menos plausível, além de muito pouco empolgante. Mas o Brasil de então merecia mais? As independências de outros países latino-americanos foram conquistadas por meio de guerras deflagradas para expulsar os representantes das metrópoles, a exemplo do que acontecera nos Estados Unidos de Jefferson, Washington, Franklin. Na Argentina, houve a liderança de San Martín, que se espalhou até o Chile,



Abem da retórica, Pedro Américo ofereceu o cavalo branco de Napoleão à sela de D. Pedro, mas então o transporte de pessoas e mercadorias fazia-se no lombo dos muare

onde foi acompanhado por Bernardo O'Higgins, e até o Peru. Na Venezuela, a liderança foi de Simón Bolívar, que influenciou toda a América Latina. São heróis de uma causa justa, enquanto o nosso é o Duque de Caxias, que comandou o genocídio do povo paraguaio.

Chegou a hora de perguntar aos meus atônitos botões o que resultou da independência nos dias de hoje, decorridos dois séculos. Vou até a janela e deito o olhar sobre a rua e vejo o povo a caminhar cabisbaixo na sua costumeira atitude de resignação. Qual seria a diferença entre estes brasileiros e aqueles de 200 anos atrás, que sequer se deram conta do grito do novo imperador? Aparentemente são os mesmos, mas são estes aqueles que Lula quer despertar novamente, com a certeza de um dever a cumprir.

Pedro Serrano clareou as minhas ideias e, creio eu, as de muitos leitores para acentuar como, neste novo milênio, a ideia da ditadura tradicional tenha sido substituída pela do autoritarismo líquido, em que medidas de exceção são impostas em uma situação de aparente democracia. É o que acontece em muitos países. Dizia-me



Raymundo Faoro, o amigo que se foi há 17 anos, mas está sempre presente: A direita brasileira, reacionária como não há outra, levou a melhor em todas as situações possíveis contra quem haveria de se opor, aqueles que teoricamente militavam do lado contrário. A exceção está no resultado eleitoral de 2002, quando Lula, o ex-metalúrgico, se tornou presidente do Brasil. Resultado de certa forma efêmero.

Na explicação da casa-grande, os golpes são necessários para defender a democracia e o conceito vigorou até antontem e levou Bolsonaro ao Planalto. Hoje Bolsonaro serve aos interesses dos senhores representantes daquele que foi e

é o poder maior e, em relação à chance de uma negociação, jamais a aceitará. É possível que o ex-capitão não se dê conta desta serventia de ocasião, mesmo porque neste momento tenta conquistar o favor popular ao imitar ações petistas para combater a desigualdade. De todo modo, está claro o que significa a independência para a casa-grande: agir à vontade em quaisquer circunstâncias ao sabor, inclusive, de uma versão nativa do autoritarismo líquido. Não há limites para a sua hipocrisia.

Enfrentar tanta desfaçatez e tanta prepotência é a tarefa a que Lula se dispõe, neste exato instante, para tirar do letargo o povo brasileiro e seus trabalhadores. •